

# TURRIVA Live

A Biblioteca Pública de

Braga

27  
OUTUBRO  
1973

SEMÁRIO DE CRITICA E ACTUALIDADES

DIRECTOR Interino: João Barbosa de Macedo

Sede e Administração

Comp. Impressão e Redacção

LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR-TELEF. 62113 - AMARES

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

## NA HORA DE VOTAR Quanto tempo lhes durará a mania?

É chegado o momento de votar. Dir-se-ia, normalmente, que é o momento de decidir. Como as coisas estão entre nós a opção é entre ir ou não ir às urnas, pois só se apresenta uma lista.

Não somos de opinião que quer com mais de uma lista ou não se deva decidir na véspera, ou até no momento. A decisão deve ser fruto de um exame retrospectivo, amplo, albergando muito tempo e muitas decisões. O exame deveria abarcar os quatro anos que distam do último acto do género.

Depois há que ter em conta que mais do que votar na lista, vota-se, efectivamente, a favor ou contra o Chefe do Governo. É a sua política que mais estritamente, no campo nacional, está em causa.

Ora não há que ter em dúvida que o País evoluiu decididamente para melhor, que se conservaram as linhas mestras que eram de conservar, que se modificou o que o devia ser, que o povo se sente mais amparado e confiante e que se vive muito melhor.

A decisão é fácil para quem fôr isento, para quem quizer ser justo, e há que ter cautela porque além do mais está em jogo o todo nacional.

A hora, não há dúvida, é de ir às urnas.

Vamos votar.

A propósito da fantasiosa República da Guiné-Bissau, ocorreu-me contar-vos uma história dos meus tempos de menino:

Um dos meus amigos de então, reuniu os irmãos e propôs-lhes brincar em às Nações. Cada um deles arranjaria um livro velho para constituir o território do país a que daria o nome que entendesse. Quanto mais volumoso fosse o livro, melhor, para poder ser dividido em grupos de um certo número de folhas que constituiriam as cidades, as vilas e as aldeias.

Dos jornais e revistas, cada um recortaria as gravuras que representassem paisagens palácios vistos do exterior e do interior e retratos de políticos, de artis-

tas da época, de anónimos.

Todas essas figuras constituiriam a população, o governo, o chefe do estado que, nuns era rei, noutros presidente da república, conforme os gostos e as inclinações de cada um.

Chamavam eles, a este género de divertimento, «brincar aos senhores de papel».

E a brincadeira, realmente, não deixava de ter o seu interesse pois, entre eles, permutavam embaixadores; provocavam guerras; faziam eleições parlamentares; impunham ditaduras; no caso das monarquias, contratavam casamentos; estabeleciam alianças e até, os mais temperamentais, de vez em quando, provocaram a sua revoluçãozinha, para mudan-

ça de governo ou de regime.

Era como que um mundo de «Senhores de papel» que não deixava, no entanto, de ter o seu território—os livros e que constituíam as nações—, as suas populações—os bonecos recortados dos jornais e das revistas—e até a sua vida própria, com regras, para as relações de convivência, que «correspondiam», no Mundo real, ao Direito Internacional.

Pois um dia, o irmão mais novo destes meus amigos, pretendeu também, ter a sua Nação Simplesmente não

«Continua na 4.ª página»

*Ajude a guiar Portugal--vote por si, por nós, pelo País -- Vote.*

### 5.ª COLUNA

Trouxeram-nos há dias os jornais, a magoada notícia dum português em Bruxelas ser condenado a 12 anos de trabalhos forçados por praticar alguns roubos e na altura em que foi apanhado em flagrante descarregar um tiro que, de raspão, feriu um transeunte, sem consequências.

Com o habitual sentimentalismo nacional encontrámos um exagero na sentença do Juízo de Bruxelas, pois cá, além de não possuir o nosso Código «trabalhos forçados», dificilmente um juiz atribuiria ao gatuno 12 anos de pena maior, por meia dúzia de roubos e a

## ECOS DOS ACONTECIMENTOS DO DIA 14

Não se apagaram, ainda, da memória de todos, os acontecimentos do dia 14 do corrente, em que os nossos Bombeiros festejaram com acontecimentos de alto valor festivo e valorização de património, o seu 64.º aniversário.

Igualmente se memora o sentido elevado como decorreu o 1.º plenário da A. N. P. deste Concelho.

Num gesto que se impunha a Câmara Municipal, a A. N. P. e a Direcção dos Bombeiros Voluntários dirigiram-se na passada segunda feira ao Governo Civil a fim de agradecerem ao Chefe do Distrito a sua visita e a gentileza do seu convívio. Aquele magistrado exteriorizou o seu contentamento por tudo quanto vira e ouvira.

As mesmas individualidades estiveram na sede da A. N. P. sendo ali recebidas pelo sr. Prof. Dr. Nunes de Oliveira e sr. António Alberto de Campos com quem travaram amigo dialogo sobre a visita feita ao nosso Concelho.

Como referimos na devida reportagem é nossa intenção publicar as teses apresentadas no plenário da A. N. P..

Vamos começar pela comunicação apresentada pelo sr. João Barbosa de Macedo, até porque é a única que até este momento pudemos conseguir.

Eis o seu teor:

### Instituições concelhias

Lembrar o Concelho aos nossos e fazê-lo conhecer aos de fora, é a nosso ver, a mais urgente das necessidades. Aos nossos para que se sintam cada vez mais honrados, aos de fóra para que deixem de nos julgar partindo de permissas falsas

As instituições de um concelho são as suas células mais representativas e valiosas, o seu coração e a sua vida, o ponto fulcral do seu valimento e do valor da sua gente.

Eis, meus senhores, por que escolhi este tema. Fi-lo,

todavia, mais para os de fora do que para os de dentro, por pensar e sentir que são eles que devem corrigir a sua forma de agir para connosco. Nós sentimos subido gosto em ter tido por manto no nascimento e esteira na vida, este rincão plantado entre Homem e Cávado.

A imagem que vos quero dar das nossas instituições, portanto, implicitamente, do Concelho, é a de uma terra estuante de bairrismo e de crença nos altos ideais da Pátria, pródiga na prossecução de bem comum, irreverente na defesa dos seus anseios legítimos. E irreverente por se ver frequentemente mal paga e mal julgada, tratada como enteada, espelhada em decisões que desconhecem o que ela é, o que ela sente e o que ela quer.

Foi tudo isso que gerou em si um clima de intolerância perante o erro, de insubmissão perante o estatismo inerte, e, concomitantemente, como em reacção, uma vitalidade e pujança que servem para definir uma época, que consagram uma geração, que não-de-necessariamente impôr o respeito a quem a identifique com isenção.

Quem conhecer o nosso passado histórico, a contribuição que demos aos passos da Fundação, da Restauração, de Aljubarrota ou dos Descobrimentos, poderá entender, connosco, que também estamos perante uma herança de antanho.

Vamos então ver, em passos ligeiros que não tomem para aiém do tempo disponível, se somos claros, verdadeiros, e conseguimos uma sùmula que enquadre os princípios expostos e concluir como é mister.

Não vamos fazer ou narrar a história de cada organis-

(Continua na 2.ª página)

(Continua na 2.ª página)

# ECOS DOS ACONTECIMENTOS DO DIA 14

5.ª COLUNA

«Continuado da primeira página»

mo; vamos, tão somente, delinear alguns traços que nas suas linhas mestras sirvam para exprimir uma conduta e identificar o modo de ser da gente deste Concelho.

## Associação dos Bombeiros Voluntários

Falar da Associação dos Bombeiros, agora com 64 anos de vida, é erguer um hino de louvor às possibilidades humanas quando movidas por ideal alto e conduzidas com perseverância.

Os seus primeiros 44 anos foram passados a erguer a sua primeira seda, com os parcos rendimentos da época, e a espalhar a sua acção com inauditos sacrifícios. Os últimos 20 anos assistiram ao erguer de todo este conjunto em que estamos e no qual foram investidos milhares de contos, dos quais, só 200 dados pelo Estado.

A noção de bem servir o Concelho foi aqui interpretada com tal amplitude e generosidade de quase se poder dizer que durante muito tempo e em muitos casos se sobrepôs à acção da Câmara de então, tratando das soluções mais ingentes sob pena do concelho perder serviços e actividades do maior alcance.

Assim aconteceu quando, tendo erguido a primeira fase deste imóvel sem ajuda oficial ou afim, logo consentiu albergar a Casa do Povo e a seguir a Telescola, sempre independentemente de qualquer receita. E quando, há 3 anos, surgiu o problema da criação da Escola Preparatória, foi ainda esta Associação que aceitou albergá-la no seu seio, programando um trabalho em profundidade e de largo futuro, num olhar aberto a horizontes maiores.

A primeira fase foi realizada em 1971 e consta de 8 salas, cantina, sanitários e ginno-provisório, só tendo recebido os 200 contos acima referidos.

A segunda fase das obras para mais 5 salas e sanitários deveria estar concluída no ano de 1972. Circunstâncias alheias à vontade da sua direcção e aos desígnios e esforços por ela feitos atrasaram de tal modo a participação que só foi concedida no dia 6 do corrente. Anote-se, porém, como achega à identificação da nossa época, que as obras foram prosseguindo com dinheiros particulares e estão perto da sua conclusão.

A terceira fase implica a construção de novo Quartel-sede desta Associação, noutra local, para que seja entregue este edifício na totalidade à Escola Preparatória ou futura Secção Liceal. Devia ter-se realizado no ano corrente. Este anseio encontra-se francamente atrasado e tudo leva a crer que os estragos causados por desilusões recebidas venham a agravar a situação. Praza a Deus que se venha a encontrar novamente o caminho certo que estava programado.

Foi ainda, em terreno cedido por esta Associação que se fez construir a Casa do Povo, e vai ser, por força de nova oferta, erguido um pavilhão gimno-desportivo com início ainda este ano.

Eis, em traços largos, a epopeia de uma instituição que pela grandeza dos seus objectivos, variedade e importância das suas realizações deve ser um caso único no Distrito.

Sem alardes, sem heranças, sem subsídios capazes, tantas vezes com vento pela proa, eis narrada a caminhada gloriosa que determina uma terra e explica a sua gente.

## Santa Casa da Misericórdia — Hospital — Centro de Saúde

Vivendo em apagada e dormente tristeza durante muitos anos, tendo como sede uma pequena casa de bairro dos pobres com as prateleiras da cozinha a servirem de estantes, foi arrancada a essa situação por meio de mais uma iniciativa particular.

Para vencer tristes condicionalismos locais postos pelos que não podendo ou não querendo fazer, tudo estudam para que mais ninguém realize, foram feitos novos apelos aos ânimos e bolsos dos particulares para uma arrancada séria.

Dela surgiu a compra dos terrenos e construção do corpo central que lhe serviu de sede. Só desta maneira se conseguiu que oficialmente se designasse o local das futuras instalações para a Saúde e Assistência.

Iniciou-se então uma fase de autentica recuperação e volvidos os poucos anos decorridos temos um conjunto airoso e digno em que se enquadraram as instalações da Santa Casa, o Hospital em vias de funcionamento e o modelar Centro de Saúde.

Estão gastos cerca de 4.000 contos e projectados aumentos e novos serviços que levarão ao dispêndio de novas e importantes verbas.

Eis, meus senhores, mais uma vez, do que foi capaz o bairrismo local que contra a passividade e silêncio das esferas superiores, aplanou o caminho para o futuro risonho que logo brotou.

Poderíamos dizer com propriedade e oportunidade para

a hora que passa que os receios oficiais foram pulverizados pela iniciativa particular com os melhores resultados.

## Grémio da Lavoura — Cooperativa Agrícola

O Grémio da Lavoura de Amares, tal como vem sendo regra, vegetava ainda há poucos anos, submerso numa situação financeira em que o passivo era maior que o activo, fruto de uma doação ruinosa. E foi assim que conheceu nova gerência.

Do estudo feito para arrancar com algo que seriamente beneficiasse a Lavoura resolveu-se promover a criação de uma cooperativa polivalente vivendo a paredes meias com o Grémio, numa solução única no País.

Dimensionou-se uma organização que fizesse a cobertura do concelho e pudesse, numa segunda fase, ir até aos concelhos vizinhos. Teria atribuições para todas as Secções relacionadas com a nossa agricultura e iria até ao arrendamento das propriedades.

A sua estruturação legal (estatutos, cadastro das propriedades, estudos, arrolamentos, plantas, etc.) foi feita com rapidez e os melhores resultados.

A compra dos terrenos para as suas instalações (70.000 m<sup>2</sup> de terreno custaram mil e seiscentos contos e para eles o Estado deu metade e emprestou a outra metade) também se operou em tempo agradável.

Os estudos necessários à preparação do processo para solicitação ao Estado dos subsídios e participações necessários às instalações, também decorreu em nossa mão em tempo animador.

Transferidos os trabalhos e os papeis estritamente para as repartições do Estado para ulterior seguimento, tudo caiu no esquecimento, no olvido. Em vão temos pedido e, até, engraçado, em vão temos ouvido a Secretaria de Estado, pela voz do seu ilustre titular, dizer que estamos atrasados.

Existe um vacuo que se não entende nem se pode tolerar.

É uma triste realidade que se não deve esconder.

Os serviços não têm Fé. A nossa política é desconexa, só se preocupa com vulgaridades de ambiciosos que nada fazem e nada querem se não ocupar cargos.

A rede administrativa não tem continuidade nem febre de realizar.

Precisou-se de bastante dinheiro para as burocracias da Cooperativa e ele apareceu, não é preciso saber de onde veio, é sempre a fonte inesgotável do nosso bairrismo. Parece uma doença!

Porque não descobrem uma doença equivalente para os serviços oficiais e quejandos e lha injectam?

## Caixa de Crédito Agrícola

Eis uma instituição que sendo velhinha na idade se apresenta cada vez mais remozada, mais actual, com aumentada e prestigiada folha de serviços dedicados à Lavoura. Eis uma demonstração cabal de que as coisas são o que são os homens, pouco importando o espanto dos slogans.

Os seus 10.000 contos emprestados à agricultura são seiva de vincada utilidade. Foi o primeiro organismo a erguer a sua sede e a sua direcção vive continuamente atenta aos interesses locais em todos os aspectos, mórmente o da cedência da sua sede.

Não sabemos porque se não unem os serviços respeitantes a cada Ministério criado *todos* maiores capazes de um maior valimento e eficácia. Se assim fosse a Caixa Agrícola seria um elemento valioso de decisiva importância para o conjunto destinada à agricultura.

## F. C. de AMARES

Nasceu sobe o signo das dificuldades incompreensíveis para quem não tenha conhecido o nosso concelho nesse tempo, de cujos vícios conserva ainda resquícios.

A lei de então consumava-se nisto: «já que eu não posso, tu não podes poder». Daí, embargos mesmo ao mais racional.

Talvez pela primeira vez neste País se proibiu a constituição de um agrupamento desportivo com a alegação de que não convinha ter dois no Concelho. Depois dificultaram as obras e por fim a própria prática do desporto.

Rompidos esses condicionalismos locais o Grupo atingiu dias de muita glória e é hoje o lídimo representante do Concelho.

O seu património foi todo ele conseguido na proverbial e costumada forma da subscrição pública.

Vai sendo tempo para que se pense no parque Municipi-

«Continua na 4.ª página»

notícia, em questão, apenas referia dois, que o nosso compatriota tivera cometido.

Que o nosso Código é de uma benevolência impar consta dos anais da Jurisprudência internacional, como já há anos tive ocasião de ouvir a um ilustre causidico inglês. Mas que tal benevolência faz parte da humanitária obra de regeneração de qualquer povo, afigura-se-me que sim.

Este tema, que só um excelente advogado poderia debater, veio até aqui. Leitor, para lembrar a infame façanha, torpe, maligna e aviltante desses biltres de raça cigana que selvaticamente liquidaram um homem, que involuntariamente atropelou o bebado inconsciente, da mesma raça, que se lhe atravessou na frente do carro tripulado.

Ora, para casos destes, de flagrante grandesa insana, era de necessidade o nosso Código ser muito mais rigoroso, pois não deve haver apelo nenhum para os biltres que cometeram tão hediondo crime.

Mas quê? O máximo são 28 anos de pena maior!...

Talvez que o Código Penal exemplar luxemburguês seja complemento para evitar estas coisas, pois não resta dúvida de que se dois roubos equivalem a 12 anos de trabalhos forçados, não haverá quem queira arriscar o corpo em semelhante função.

Talvez a sentença sirva de exemplo—não acha, Leitor?

EME ABRIL

## Condições de Assinatura

Continente

Ano . . . . . 50\$00

Ilhas

Avião—ano . . . . . 150\$00

Semestre . . . . . 75\$00

Barco—ano . . . . . 60\$00

Semestre . . . . . 30\$00

Estrangeiro

Avião—ano . . . . . 180\$00

Semestre . . . . . 90\$00

Barco—ano . . . . . 80\$00

Semestre . . . . . 40\$00

Avião—ano . . . . . 180\$00

e Províncias Ultramarinas

Semestre . . . . . 90\$00

Barco—ano . . . . . 80\$00

# TRIBUNA do CONCELHO

## Notícias do Concelho

### Senhor da Piedade em Carrazedo

Ninguém calcula para já o que vai ser a festa em honra do Senhor da Piedade em Carrazedo em Agosto de 1974. O entusiasmo da mocidade de ambos os sexos tomou a sério esses tradicionais festejos e já começou a fabricar o «mel» para o «cortiço religioso», único producto alimentar para a debilidade dos espíritos sequiosos para encontrar na terra alegria que Deus concede a qualquer «doente». Tudo aborrece e enjoa, menos a Verdade que a Fé contem a Fé é a nossa fortaleza, é a única coisa que garante a todos uma vida que começa com a nossa existência para acabar no Reino da Igualdade, no Supremo Tribunal da única Justiça, única capaz de recompensar os méritos que o próprio homem desconhece na vida que pratica dentro das liberdades abusivas do seu próprio instinto.

O dia 21 de Agosto de 1973 deu início às festas a que me refiro, dia favorecido pelos raios solares que o Outono nos oferece como prenda para colhermos os produtos da terra em grande abundância. Eram 15h e deu entrada na freguesia o Conjunto Típico «Nascer do Sol» de Palmeira — Braga mas quando chegou já o sol tinha nascido. O público recebeu-o com grande entusiasmo porque vinha alegrar tanta gente à sua espera por saber que esse Conjunto é famoso e vinha animar o bazar de prendas oferecido pelas famílias de Carrazedo para auxiliar as despesas a fazer com a grande festa de Agosto de 1974 em honra do Senhor da Piedade. Eram muitas as prendas e valiosas mas não chegaram para os arrematantes que os pagavam por alto preço. O Conjunto retirou-se já de noite, estafado pelas repetições do programa que o público pedia com insistência. Só tenho pena que os filhos de Carrazedo ausentes, não tivessem visto e ouvido o que se passou na sua terra nesse mesmo dia que deu começo a uma festa que alguns não poderão ver mas que tem no coração sempre a presença do homenageado que é o filho de Deus que nos abona na terra a felicidade se o soubermos respeitar e obdecer às Suas Doutrinas.

### Casa do Minho

Quanto deve a província à Casa do Minho pela sua propaganda em prol da região? Quanto lhe deve Portugal

pela sua divulgação de tudo quanto aqui temos e que seria desconhecido se a direcção não estiver à altura dos interesses da Pátria? Está marcada uma festa para breve da qual faz parte um conjunto musical e folclórico regional que só ficamos a conhecer através do convite feito, a que os jornais prestaram rendidas homenagens pelo seu valor. Em face dos grandes encargos assumidos pela prestigiosa instituição que se revela num constante movimento de interesse Nacional, cumpre ao secretariado nacional de Informação e Turismo cogitar da sua interferência para uma ajuda na rotativa marcha do progresso artístico e intelectual até hoje demonstrado nos bastidores sociais de todos os quadrantes, que, como nós, ignoravam a existência de uma «riqueza» Nacional de pouco proveito por falta de divulgação. Interpretando o desejo dos Amarenses, felicito a Direcção da Casa do Minho pela sua dedicação a uma causa que interessa a todos os portugueses pelo prestígio que lhes acarreta no conceito Internacional.

— Por —

**Elísio Gonçalves**

Carrazedo

Amares

## -DECOTE-

Certo padre convidado  
P'ra uma reunião  
Viu as damas decotadas  
E fez careta o ratão.

Os seios, os ombros nus,  
Viu o padre e estremeceu,  
Aprontou-se p'ra sair  
Foi buscar logo o chapéu.

Vai-se embora, sôr Prior  
Foi-lhe um homem perguntar  
— Vejo as damas já despidas  
Talvez se queiram deitar.

## Vida elegante

### Aniversários

#### Fazem anos:

Hoje o sr. Alvaro de Freitas e a sra. Maria da Conceição Dia Correia Portela.

Amanhã a sra. Ermelinda Pereira Barbosa de Macedo e o nosso estimado assinante na América snr. Afonso Abrantes da Mota.

No dia 29 o sr. Abílio José de Freitas.

No dia 1 de Novembro o sr. Augusto da Costa Machado, ausente no Canadá.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

\* \* \*

Hoje festeja mais um aniversário natalício a menina Maria Rosa Pimenta da Silva, filha do nosso assinante sr. Manuel José da Silva, actualmente a residir em França.

Tribuna Livre cumprimenta a aniversariante e deseja-lhe que passe um dia muito feliz junto de seus familiares.

Ajude a guiar Portugal — vote por si, por nós, pelo País — vote.

## IMPOSTO DE TRABALHO

Leitor assíduo de «O Comércio do Porto» constantemente se me depara a notícia de «mais uma Câmara Municipal acabou com o Imposto de Trabalho».

Ora bem. Eu também estou sujeito a tal imposto e, portanto, torno-me suspeito ao escrever tal notícia. Mas juntando o útil ao agradável, sempre me vou aventurar a escrever duas letrinhas que, de certo, irão ser bem recebidas e relidas por todos os pagadores do tão famigerado imposto.

É que, se tantas Câmaras já aboliram a coisa, porque é que outras não seguiram o exemplo e, o que é pior, não se vislumbra hipóteses de tal acontecer?

Há dias, amigo meu e também pagador de tal imposto, dizia-me muito à socapa:

— Bem, pá! Temos de fazer como fulano... para cima de cinco filhos e lá se vai o imposto para a Câmara... (?) (?)

Pois, ele tem razão... e não tem. Tem razão porque, se umas (Câmaras) acabaram com tal coisa, porque é que outras persistem?

Não tem razão porque é preferível pagar os 26 paus e crôa do que «agantar» com o número de rebentos necessários para não pagar tal imposto.

...E depois, só a chatice de ir à sede do concelho (eu só pago no último dia e da parte de tarde) e trazer um recibo como pagou, todo cheio de químico... com franqueza — é mesmo aborrecido... E não me venham com a cantiga de «são Câmaras mais ricas» — à fava tal defesa que eu, pelo que leio, sei de Câmaras bem pobres, pelo menos encravadas, que acabaram, também, com o Imposto Profissional.

Catolino

## Auspicioso enlace

No passado dia 14 de Outubro — Domingo, realizou-se o auspicioso enlace matrimonial da gentil menina Maria Lucinda Machado Costa, graciosa filha da Senhora D.<sup>a</sup> Teresa Machado Ferreira e do nosso velho amigo Augusto do Sacramento Costa, abalizado industrial da Feira Nova, que nas terras da América tem singrado na vida. As cerimónias religiosas foram feitas no Real e Sumptuoso Templo do Bom Jesus do Monte. Presidiu ao acto solene o Rev. Padre Manuel de Azevedo Tinoco, da Casa da Ermida, da freguesia de Proselo, e que é parente e amigo íntimo da família. É um Sacerdote novo que tem todas as qualidades e virtudes dum padre modelo. No côro ouviu-se um grupo de vozes angélicas que entoavam: «Abençoai os noivos que vão casar». O cortejo nupcial, composto de cerca de 40 carros que conduziam os 160 convidados, desce novamente o monte, como subira, em direcção à casa dos pais da noiva, na Feira Nova, agora restaurada a primor, como um grande palacete de gosto e arte.

O noivo, o António Lourenço, um jovem esbelto, cheio de sã diplomacia, pertence a uma das melhores famílias de Crespos, que o Rio Cávado nos separa, mas que nos une o amor e a verdadeira amizade. O santo almoço onde nada faltou, realizou-se na parte nova da casa, dois amplos salões, dum efeito admirável. Estavam ali presentes, as tres classes da sociedade; clero nobreza e povo. Aos brindes, falou o P.<sup>e</sup> Tinoco, o Abade de Crespos e o P.e Calisto — autor destas linhas de reportagem além do P.e Janela e Reitor do Alívio que disseram «Amen».

Ajude a guiar Portugal

-- vote por si, por nós, pelo

País --- VOTE

# Écos dos Acontecimentos do dia 14

(Continuada da 2.ª página)

pal de maneira a dotar o Concelho com instalações amplas e para a prática de vários desportos.

O facto de irmos ter muito em breve um gimno-desportivo que deverá custar entre dois a três mil contos cria-nos a obrigação de conjuntamente conseguir instalações capazes para os demais desportos.

\* \* \*

Ao fazermos as necessárias referências à Associação dos Bombeiros tecemos considerações sobre a Escola Preparatória. Entendemos dever acrescentar que em nosso ver não se está a cuidar do seu futuro com a necessária cautela e devido interesse.

A 1.ª fase das obras deu-nos 8 salas, a segunda dará mais 5 e a terceira completará 20. De momento o 1.º e 2.º anos ultrapassam os 300 alunos com 14 turmas. Normalmente os mesmos anos terão no novo período lectivo 16 turmas. Quando tivermos o 3.º ano, (que mal vai se não é em Outubro próximo), precisamos de 20 turmas. Com o 4.º ano precisamos de 24 turmas. Nos anos seguintes são 28 turmas, portanto, 28 salas.

Parece-nos que ninguém está a pensar nisto, preferem coisas de lã caprina, fugir aos assuntos. É mais cómodo e rende na mesma.

\* \* \*

Terminadas as referências à vida de cada organismo vamos tentar dar uma panorâmica das oscilações da vida concelhia dimensionada por uma época que assinala mudanças profundas.

Se recuarmos 4 anos da data presente vemos que o concelho se apresentava da maneira seguinte:

A Associação dos Bombeiros, a Caixa Agrícola e o Grupo Desportivo tinham instalações próprias e decentes e caminhavam em bom ritmo de funcionamento.

Em tudo o mais o aspecto era desolador, sem paralelo no Distrito e de difícil confrontação no País. Para mais guiado por uma Câmara pobre, sem receita para mandar cantar um cego.

Quanto a Saúde e Assistência tínhamos um terreno e um edifício inacabado, fruto de muitas canseiras e de 400 contos que renderam as subscrições públicas. Até faltava a aprovação superior quanto ao local.

Quanto a Lavoura, para enfrentar uma crise devoradora, o lavrador tinha o seu Grémio a dever mais do que valia o património e afogado na descrença.

Quanto a repartições públicas estavam, como estão, em casas alugadas sem condições de higiene e conforto, ou no anacrónico e inestético casarão do Município, em verdadeiro estado de ruína.

Quanto a ensino só as escolas primárias.

Não acontecia assim por falta de homens, de ideal, de dedicação, mas tão somente porque as unidades não estavam em seu sítio e muitos eram os que dormiam o sono ultrapassado do caciquismo fiados em seus réditos políticos.

O salto operado de há 4 anos a esta parte é, em paralelismo com as possibilidades e dimensão do concelho, verdadeiramente um caso único. Dir-se-á que se soltaram os diques, que foram quebrados os grilhões, que rebentaram as algemas.

Neste espaço de tempo a Associação dos Bombeiros aumentou o seu património em cerca de 2.000 contos;

Foi montado o Hospital e Centro de Saúde, com um dispêndio à volta dos 4.000 contos;

A Escola Preparatória tornou-se uma realidade gastando-se para o efeito 1.200 contos;

Na constituição e compra de terrenos da Cooperativa gastaram-se 1.700 contos. Estão programados para gasto breve 6.000 contos;

O Palácio da Justiça tem terreno projectado, e está pronto a ir a concurso.

As demais repartições públicas estão onde estão, mal como estão, enquanto o desejarem, pois nem para elas há falta de instalações.

Afirmamos, pois, sem recear desmentido, que estamos perante o maior e mais eficiente esforço sem paralelo onde quer que seja, dentro das proporções em jogo.

\* \* \*

Meus senhores:

Surge, neste momento, um aparente paradoxo. Das dificuldades que viemos a narrar de carácter financeiro, burocrático e especificamente local, salta-se inesperadamente para uma época de realizações imediatas, concretas e amplas.

Porquê? Como?

Eis o momento de chamar à nossa presença o nome

dessa figura extraordinária do Comendador Santos da Cunha.

Conhecedor de todo o Distrito, não podia deixar de conhecer esta linda terra e sua ordeira gente. Foi partindo daí que escolheu as autoridades administrativas

Interessou-se depois porque também à frente dos organismos estivessem as figuras mais válidas e mais capazes. Surgiram, assim, à frente das organizações do Concelho nomes como os dos drs. Paulo Macedo, A. Eleutério Macedo, Joaquim Pereira da Silva, Tomás Gonçalves de Andrade José António Fernandes, João Sousa Fernandes, Eng.º Adelino Abreu, etc. que vieram juntar-se a outros com relevantes provas dadas.

Com um grupo de valores incontestáveis e incontestados à frente dos organismos reuniu as representações de todos eles e traçou o futuro acabando com as polémicas quanto à localização das diferentes actividades e organismos em embrião ou em indecisão.

Iniciou-se, então, a jornada esperançosa que deu estes frutos. Bem merece esse egrégio bracarense a nossa gratidão.

\* \* \*

Temos de concluir, entretanto, que vai sendo cada vez mais difícil e moroso realizar.

Não temos nos Distritos um órgão centralizador ou catalogador que conheça as iniciativas e as ampare. Vivemos demasiado presos a devaneios de uns tantos que querem ser mas não produzem, não fazem, entendem que o povo vive de loas.

Não somos um partido para que os outros não venham partir a Nação, mas somos uma coisa partida, inconsequente.

Damo-nos ao luxo de preferir a paz podre ao dinamismo realizante e incontível. Temos medo às aspirações, aos anseios.

Descontrolados confundimos os que produzem com abnegação sobrepondo-lhe os que da política só querem lugares sem esforço.

Se nos convém trocamos a representatividade pelo mero alvitre de um amigo.

Nós temos a consciência do valor dos homens que encabeçam os nossos organismos, da coesão e unidade que existem entre eles. Nós sabemos quanto se lhe deve em progresso material e em paz nas instituições. Não queremos, não aceitamos que outras falem em nome do Concelho que não sejam os seus legítimos representantes.

Se da heterogeneidade das instituições e seus dirigentes é possível, como no nosso caso, criar uma unidade, não à dúvida que se tem encontrada uma cobertura autêntica, real, sem disfarce nem mestificação.

O Governo que fala pela Nação na sequência do mandato outorgado ao Chefe do Estado, não pode nem deve deixar de se sentir contente com este fenómeno positivo.

Tendo em consideração o exposto propomos que das conclusões finais conste:

a) Verificar-se que as instituições de índole concelhia estão a ser dirigidas por elementos a todos os títulos válidos e nelas se está a realizar profunda obra de recuperação;

b) que é uma positiva e incontroversa realidade o espírito de coesão e unidade que existe entre os dirigentes cineiros da administração, do órgão político e de todos os organismos de âmbito concelhio;

c) que estes dirigentes são e devem ser considerados a todos os níveis os lídimos representantes do Concelho;

d) que devem ser os escutados e atendidos na orientação e explanação das aspirações concelhias que conhecem como ninguém e amam como suas.

Por — João Barbosa de Macedo

## Telefones para serviços

DE URGÊNCIA



Gasa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62124
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.ta Maria)	66133
Doutor José Fernandes Médico Amares	62122
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62145

## Quanto tempo lhes durará a Mania

Continuado da 1.ª pagina

arranjou um livro que constituisse o respectivo território, nem as figuras recortadas que formassem a população e, na sua algarviada, pediu aos irmãos que cortassem umas tantas folhas e lhe dessem uns tantos bonecos recortados que, depois das folhas cozidas, ele passaria a ter, também, uma nação.

Nenhum foi n'isso e o miúdo, então, sem livro que lhe servisse de território, nem «senhores de papel» que fossem a respectiva população, berrava pelos cantos da casa, junto dos pais, dos avós e das criadas, «eu sou uma república independente, mas não tenho terras, nem gente»...

E os pais, os avós, as criadas, às vezes os próprios amigos dos irmãos, riam-se a bandeiras despregadas.

Os anos passaram, «brincar aos senhores de papel» deixou de interessar, e o miúdo perdeu a mania...

Ora aqui temos, hoje, tantos anos volvidos, no Mundo real, a fantasia dos dirigentes do P. A. I. G. C.: querer brincar às Nações e não ter povo, nem território! Nem quem lhes dê! Quanto tempo lhes durará a mania?

FELIX DE PAIVA

Ajude a guiar  
Portugal -- vote  
Por si, por nós,  
pelo País  
-- Vote

## ANEDOTA

Dois gatunos esperam, escondidos que passe alguém para darem o golpe. Ao aproximar-se uma rapariga elegante, um deles diz:

— Vou tirar-lhe o vestido.

— Idiotal um vestido não tem valor...

— Mas ela tem muito.

Auxilie o F. C. A.

Inscrevendo-se

Como Sócio